

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 21 de maio de 1998 - ano II, nº 20.

boletim

## A teatralização do gesto

Soraia Maria Silva

*O fantasma da infância*, de Cristovão Tezza. Rio de Janeiro: Record, 1994.

A estória-história de Cristovão Tezza compõe uma narrativa segmentada temporalmente, desde o início, onde ora um capítulo utiliza o tempo presente/passado, ora o passado/presente (ou vice versa). No decorrer da trama, o leitor mais atento percebe a mistura de ficção com realidade. No romance, a temporalidade se confunde, tem-se o pressentimento de uma tendência de afunilamento da narrativa que converge para uma solução única. Ledo engano, a surpresa captada nos capítulos finais indica o paralelismo, a independência das narrativas, que, aparentemente, apontam para uma resolução, "redenção" unificada, mas que, no entanto, se resolvem paralelamente. Pode-se dizer: quase que se resolvem, pois não se tem um ponto final em uma delas. O ponto final-aberto que instiga a imaginação e dá um sabor de quero mais.

É angustiante a mistura das realidades. Tezza talvez se faça presente nas suas personagens, principalmente no André Devinne, o escritor, quando diz: "Quanto o senhor cobra? Quanto?! Tudo isso?! Mas essa revisão qualquer estudante de letras faz! Então o senhor procure um estudante de letras. E aproveite para limpar a byeisos8eskuonfidj..."

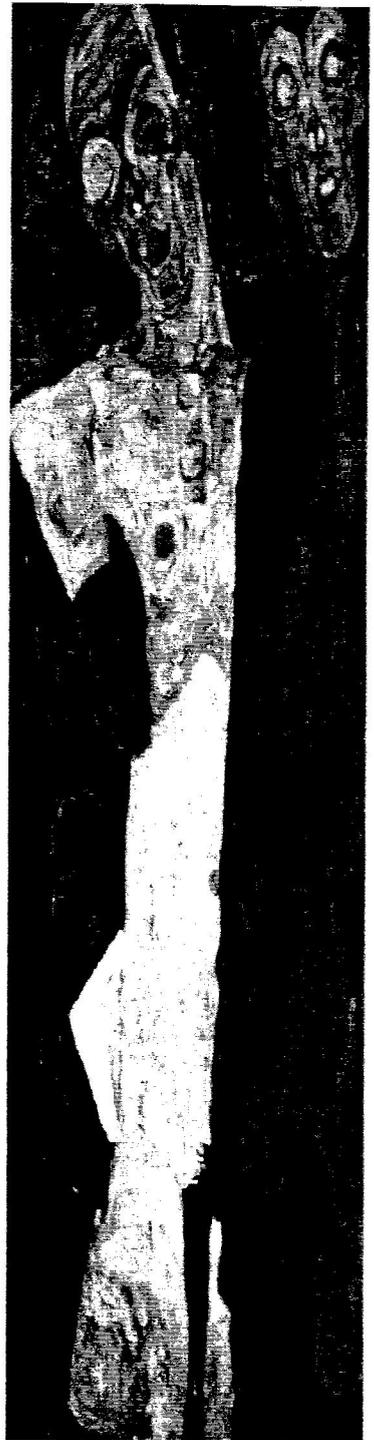
A trama é quase uma desculpa para a angustiada reflexão da essência do ser humano, que é refletida em todas as personagens. Por isso, elas espelham-se e mesclam-se nesse universo reinventado: "...escrever é por obsoleto que pareça, corrigir o mundo inteiro, que sofre de defeito congênito. Inventamos tudo de novo, porque o que existe não presta".

A repetição de idéias e palavras unificam, aproximam os personagens: desossar o osso é recorrente, a procura da essência. A Redenção é a busca final dos angustiados André/Juliano e Odair - os gladiadores fantasmas da infância, onde o sono "é uma conquista difícil" e "o vazio de quem nunca mais vai dormir na vida" só é preenchido pela procura da Redenção que não redime. "Uma redenção sem fogos nem banda nem medalhas no peito; mas completa, a de alguém que no mais raso silêncio, no terreno seguro da solidão, alcança e destrói a sua própria sombra".

Num jogo teatralizado, ocorre no meio da trama o seqüestro do homem pobre pelo homem rico, mas desde o início é possível antever

(continua)

Egon Schiele



O FANTASMA DA INFÂNCIA

## A teatralização do gesto

(continuação)

os sentimentos de aprisionamento, de angústia dos protagonistas Andrés, amorfos, que vão se formando em sua falta de eixo, de caráter e se espelhando nas outras personagens: “dor, agonia, falta de ar. A provação diabólica de não se reconhecer nunca em ninguém; não há semelhantes na face da terra”; “André Devinne - de novo, mais uma vez, como um condenado, vivendo o terror do medo e do fracasso, desabando”; o Projeto Devinne nas mãos de outros, o Secretário e o Dr. Cid, nas tramas paralelas: “Era a voz do Dr. Cid que falava por mim? Serei eu um Homem tão sem forma?”

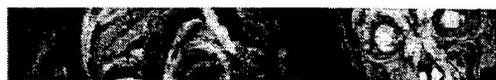
A teatralização das situações leva as personagens a uma inserção melancólica na realidade da vida e dos sentimentos humanos, é a desumanização humanizada pela teatralidade. “Há momentos,

parece, em que as coisas são tão brutalmente o que são que não dependem do ponto de vista para ganharem forma”. Um Dr. Cid: “Um homem com a noção dramática do valor do silêncio”, um político corrupto que faz a apologia da ordem (“...todo mundo sabe o seu lugar em Curitiba, as almas estão satisfeitas com o corpo”); “...cada um sabe o seu lugar... Esse é o Brasil que queremos”. Um secretário que tem um roteiro de fala prevista: “a) família; b) piada; c) o assunto do telefonema: Projeto Devinne; d) despedida, com piada e recomendação à família”. Homens do poder que buscam a dimensão poética da vida: “por que esses políticos corruptos... o que eles querem mesmo é ser aceitos pela espécie humana”. Os Andrés são o centro dessa desumanização humanizada: “viver é manusear os espaços e o tempo e as sensações, como presentes que nos chegam. Ele não; viver não é estender o gesto para nada, mas lapidá-lo de tal modo que pareça pertencer ao mundo”.

As personagens femininas são radicalmente idealizadas e como reflexos, projeções grotescas do universo masculino: as Veras, a amada Laura, a filha(o) Juliana(o), sensação esta que se confirma quando a trama revela o escritor André reconstruindo, reescrevendo sua própria amada e idealizada Laura. Mas é a amante, a veríssima Vera que o desperta e faz o momento único quase provável de conexão das narrativas com os seus questionamentos: “A questão do nome, por exemplo. O que há em comum entre os dois Andrés?”

No final, a angústia é parcialmente resolvida, como na contemplação de Cândido (o Otimista de Voltaire) sobre seu jardim “Como quem descobre: nunca estive preocupado com o sentido da vida... Pagar o aluguel é muito mais importante. O sentido da vida pode esperar a vida inteira”.

Soraia Maria Silva é professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.



Sexta, dia 22 de maio

# Armadilha para Lamartine

de Carlos & Carlos Sussekind

é o tema da reunião do GT.

Nesta sexta, dia 22 de maio, às  
16 hs., na sala B1-251 (ICC  
Centro).

Leitura adicional recomendada:

*Que pensam vocês que ele fez*, de Carlos  
Sussekind

Próximo encontro:

5/6 - *Viva o povo brasileiro*,  
de João Ubaldo Ribeiro

(leitura adicional:

*O cortiço*, de Aluísio Azevedo)

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rda1@guarany.cpd.unb.br

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim na internet: <http://www.unb.br/il/tel/boletim/>